

## ANEXO 1

### **TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA - GRUPO 1**

Legenda:

... - *pausa*

[ ? ] - *trecho não inteligível*

Trechos analisados – *negrito*

L - ...situações a voz não muda? ...em diferentes situações...

M - No seu serviço é de um jeito.

J - No serviço eu tô atendendo mesmo, não tô representando, né.

L - Isso, daí depois...

J - Se bem que tem que ter um... (risada) mas no teatro eu estou representando mesmo, daí eu assumo assim, que eu estou representando.

L - Isso, então. Daí, a gente vai saber um pouquinho do teatro.

M - Pode fazer uma situação que você tem lá no seu..., na sua peça nova, ou então, uma fala sua... alguma coisa assim.

L - Daí, você explica um pouquinho antes cê quiser, daí você dramatiza.

J - Hum... e pra eu lembrar, agora... (risadas). Nem o texto eu lembro direito.

M - Ah, vá, você tem uma memória, lembra? Lembra quando a gente dava texto para ele?! Dois minutos ele já sabia de novo.

J - Dispensa aquele lá! (sussurros)

L - No final, a gente vai pedir para você representar como se você estivesse no seu trabalho, falando com o chefe, por exemplo.

M - Ah, tá!

L - Ele já vai ter falado do trabalho, né.

M - Tá bom.

L - Depois a gente vai ta perguntando como...

M - Pode começar?

J - Pode começar.

(Silêncio)

L - Hoje, dia dois de julho de XXXX, nós ... iremos apresentar agora aqui, um ator, né. Acho melhor você falar seu nome, uma de suas profissões, ou as duas mesmo, a sua idade, pra gente tá apresentando, pro, pro público.

J - Certo. O meu nome é J. S., eu trabalho com o teatro já, há cerca de 5 anos, e também sou funcionário público, há 6 meses já. Mas o que eu quero mesmo pra mim é, o que eu quero conseguir como carreira, não é o funcionalismo público. É... ser ator mesmo.

L - Carreira de, de artista mesmo.

J - Carreira de artista, isso!

L - Jóia! Então aqui hoje, olha, a gente vai fazer assim: diversas situações de gravação, ... né. E a primeira assim, eu vou dar um texto para você ler, você lê assim, um pedacinho pra gente tá podendo comentar desse texto, da polêmica de foi, do que foi... a luta, né, do Mike Tyson, sábado. Então, você lê um pedacinho para nós?

J - *“Ter perdido um pedaço da orelha direita, parecia ser algo secundário para Evander Holifield, que era a imagem da serenidade e da satisfação, horas depois de ter conseguido manter o cinturão dos pesados da Associação Mundial de Boxe. É a primeira vez que um título mundial dos pesos pesados, é decidido por causa de uma mordida na orelha. Mordidas em outras partes do corpo, entretanto, já ajudaram a decidir outras lutas.”*

L - Hum, acho que está bom.

M - hum, hum!

L- Então assim, a gente vai tentar discutir um pouco assim, até mesmo da questão ética dessa mordida, né, do Tyson, e como foi essa decisão do juiz, não sei nem se você assistiu a luta, ou não, o que que você achou, né, que foi.

M – [ ? ] (trecho não inteligível)

J - A luta mesmo eu não assisti, né, eu só vi a repercussão

L - hum, hum!

J - logo no dia seguinte de manhã, também vi no, no Fantástico, né, alguma coisa. No jornal, na segunda-feira eu também vi. É..., ele mesmo veio a público depois, né, dizer que não sabe o que aconteceu, que ele perdeu a cabeça, que na hora ele não viu nada, né. E também, o que prejudicou muito ele, eu acho que foi ele ter desacatado os policiais, né. Porque isso vai acabar refletindo no caso anterior, que foi daquele..., vamos dizer, do estupro, né. Que aquela menina acusou ele de ter estuprado, tal, né. Ele estava em liberdade provisória, não é isso?

L - Eu acho que é isso.

J - Né? ele quer dizer, ele saiu

L - Ele já ...

J - porque ele tava...

L - Ele está piorando a própria situação dele, né!

J - Isso, porque teve um bom comportamento, né

L - hum, hum!

J - então, agora ele sai e aprontou essa, vai acabar refletindo nisso daí , também, né. Prejudicou bastante. Não só a carreira dele, como a vida pessoal, né.

L - É porque hoje de manhã eu li que assim, ele... parece que, caçaram, né a a licença ...

J - Ele não vai poder usar mais...

L - ... dele ele não vai poder lutar, ou por um tempo determinado, ou não vai poder lutar mais, não sei... Ele vai ter que pagar uma multa de três milhões, pelo o que ele fez, né. Então assim, não sei, ele pediu desculpas, né, parece que em público também...

J - Foi!

L - ... só que falou que vai procurar um médico, que eu acho que não sei, né.

J - Acompanhamento psicológico ele falou, né.

L - É, hum, hum!

M - Vocês não acham que pode ter droga, assim , envolvida para ele ter uma atitude dessa? ... Eu não sei.

L - É, eu... eu ...

J - Agora você me pegou, porque... que eu saiba, assim nunca tive conhecimento de, de ele ter envolvimento com drogas, né.

L - Hum, hum...

M - É, não sei... Acho que pode ser também, é ... ele tava, tava sabendo que ia perder a luta, né.

L - Hum, hum...

M - ... e, e de algum jeito, ele quis parar com aquilo, pra...

L - Eu também achei isso.

M - ...não passar vergonha, né. Pode ser isso também...

L - Hum, hum!. É porque...

J - Foi pior ainda!

L - Eu também acho, porque assim, ele podia ter perdido, mas eu acho que ele não ia dar o braço à torcer, tipo assim, “vou perder, então vou pelo menos ser desclassificado”. Que foi o que ele fez...e mordeu duas vezes, né!! Mordeu uma, e daí, a segunda, ahn... isso foi um absurdo, né, e ainda, ... acho assim ...

M - E a desculpa que ele deu? Não sei, se cês viram, que é porque ..., o Holifield ééé...

J - Machucou ele, o supercílio.

M - ...machucou o supercílio, né.

L - Ahn ..

M - Mas, isso acontece em tudo que é luta, não é verdade?

L - Que o texto fala né, que outras acidentes já tiveram, agora morder mesmo...né, a orelha.

J - Morder a orelha, assim que é... É, ficou esquisito, né ?

L - É uma coisa mesmo de vingança e de propósito, né? Que ele fez mesmo, pode tá fora do controle ...

J - Eu particularmente não acompanho boxe, assim, não gosto de boxe, entendeu? E isso veio a contribuir para que eu não goste mais ainda, entendeu?.

(risadas)

(Pausa)

**L - Então, assim, agora um pouco, ... J., A gente vai, assim, tentar reproduzir, né? Não sei se ainda qué comentar mais alguma coisa da, da luta, um pouco da situação de trabalho, sua mesmo, né? Ou na prefeitura, e depois um pouquinho do teatro, né? Pra cê tentar dramatizar pra gente um pouco, né?**

J - Certo!

L - Da sua voz , em diferentes situações.

J - Bom, igual já falei pra vocês eu utilizo a voz, assim, o dia todo, a começar de manhã lá no serviço que eu atendo ao público, né?

L - Hum, hum!

J - Então, sempre, agora o movimento tá menor. Mas, no começo do ano que era por causa - eu trabalho na divisão de IPTU, né? Então, o pessoal que não recebia o carnezinho, vinha reclamar e era direto o dia todo, fila direto, agora tá mais calmo. Só que agora em compensação à noite eu tô tendo ensaio todas às noites, né? de teatro. Então, eu uso a voz e eu acho que forço mais ainda, né? porque pra representar eu tenho que usar um volume

mais alto de voz. Antes eu acho que usava de forma mais errônea, mas agora já estou aprendendo a usar melhor, graças a ... (risada e pausa), né?

( risadas)

J- Mas, enfim, uso diariamente, quase o dia todo, direto, né? Então, cansa bastante.

L - Hum, hum! E assim, vamo tentar dramatizar um pouquinho, ou sei lá, a M. ou eu, alguma ...

J - Porque lá na prefeitura eu tenho que passar a informação, né e ...

L - Ah, tá!

J - ... informação completa, né eu não posso demonstrar dúvida no que eu tô passando.

L - Ah, tá!

J - E se eu não souber mesmo a resposta , então eu já encaminho para outro departamento, né.

L - Hum, hum! Então, faz de ...

J - (?)

L - Hum, hum...

J - Fala ...

L - Então faz de conta que eu sou alguém que tô chegando e perguntando alguma coisa para você?

J - Pode ser.

L - Pode ser? É sobre o carnê do IPTU?

J - Carnê do IPTU.

L - Hum, hum!

J - Que vale mais lá é o seguinte gente procurar o carnê, querendo transferir, né, o nome do carnezinho, o nome do proprietário, eles querendo transferir pra eles. O que mais tem é isso.

L- ...

J - Depois tem situações, assim, até absurdas, vamos dizer, gente lá, querendo pagar, querendo pagar carnezinho de loja Essas coisa aparecem.

(risadas)

J - Eles acham que é banco lá também, né. Mas, isso daí, não conta.

L - J., Hum, hum!

**L - Então, assim, é, eu tô com meu carnezinho de IPTU aqui. Por favor J., eu gostaria de saber como eu posso transferir para o meu nome esse carnê? Tem possibilidade?**

J - Bom, pra você transferir no seu nome L., você vai ter que trazer pra mim a escritura do imóvel registrada no cartório de imóveis, tá? Daí, eu posso transferir para o seu nome. Agora só com esse contrato aqui que você me trouxe eu posso colocar como com promissória..., né? Mas, se você já vai registrar esse ano mesmo no cartório de imóveis, é mais certo você aguardar, depois você me traz a escritura registrada, já sai como proprietária, daí seu nome.

L- Hum, então, só registrada, já posso trazer para você e você modifica ... o nome.

J - Isso.

L - Então até esse ano, se eu trazendo...

J - Se você trouxer até, até outubro mais ou menos dá tempo, porque em novembro a gente já começa a emitir os carnezinhos e o quadro foi modificado, daí, continua assim.

L - Ah, jóia tá, obrigada, viu.

J - Nada. (riso)

L - Bom, muito bem. Então, agora vamos tentar dramatizar um pouquinho do teatro? Ô, você acho que deve estar com uma peça nova agora, né?

J - Eu tô, mas tá tão nova que nem o texto (risadas) muito bem eu lembro.

L - Aquela da passada, ou do “Imagens da Cidade”, não sei, alguma peça que você lembre, algum trecho.

J - Pra lembrar agora vai ser...

L - Duro participação...

J - É que de imediato assim... Ah, ...

M - Pode improvisar também. Se você tiver alguma coisa na sua cabeça pode improvisar, não precisa ser uma que você já ...

J - Bom, eu vou então, tentar fazer uma ..., diferenciar, porque essa peça que eu estou fazendo agora, também está sendo um desafio para mim porque eu nunca fiz trabalho infantil.

L - Hum...

J - É o primeiro que eu estou fazendo. Então, às vezes, eu tenho medo de que fique meio sabe, meio a ... não..., meio assim, pra tentar enganar a criança. E o certo não é enganar a criança, né? Porque, apesar dela estar acreditando mais do que o adulto quando eu fiz o

teatro por exemplo, ele assiste e ele sabe que é uma representação teatral, né, ele se emociona, ele ri, ele chora, mas sabe-se que é uma representação teatral. Agora, a criança não, se ela vê..., por exemplo, nesta peça tem uma bola, né? É uma roupa toda especial e o rapaz fica dentro. Se ela vê lá, ela vai acreditar que é uma bola.

L - Hum, hum.

J - Né? Então, você tem que tomar cuidado com isso. E está sendo um desafio pra mim. Mas, deixa eu ver uma parte do texto, que eu lembre. Eu vou contar mais ou menos assim, rapidinho o que que é, tá?

L - Hum, hum.

J - É a estória de um... é um ser, não é nem uma pessoa, né, que vem de um outro mundo, não é nem outro planeta, é um outro mundo e daí, ele quer reformar. Ele tem o poder de reformar o que ele acha que está errado, né. E tem uma menina que é muito, ahn, é vamos dizer uma menina má, entre aspas, né. Ela não liga mais para brinquedo, ela só brinca, ela só assiste TV e brinca de videogame, que é o que está acontecendo hoje, né. O pessoal acaba, o pessoal não, as crianças acabam se esquecendo do daquelas brincadeiras antigas de amarelinha, de “pata choca”. Eles nem brincam mais. E nessa peça, a gente está resgatando isso, né.

L - É isso mesmo.

J - Então, eu faço. Vou inventar alguma fala relativa a isso, tá bom?

L - Jóia.

J - Que eu faço o personagem do reformador, né, no caso.

L - Hum, hum.

J - (voz do personagem) *“É que lá do mundo de onde eu vim, não existia essas coisas assim, de televisão, videogame, você está me entendendo? Eu acho tudo aqui tão estranho! Olha aquela coisa ali, eu nunca vi. O que que é aquilo? Parece gente, mas não está se mexendo, fica ali sozinha, parada. Ah, o que que é aquilo, Bola? Ah, é uma boneca? Mas, ela não se move não? Ah, pois, então, eu vou fazer com que ela se mova. Eu quero que a boneca tenha vida, que ela saia andando sozinha. Tá vendo só, agora você tem vida. Você está gostando de brincar comigo assim? Ah, mas eu não queria ficar só assistindo televisão igual você, não. Já sei, podemos brincar de passa anel você conhece? Você quer brincar de amarelinha? Tudo bem, eu brinco com você, então. Bola, vamos brincar! Mas, eu só não entendi uma coisa. Por que que aquela coisa fica ali dentro*

*daquela tela quadrada? Tem gente lá dentro se mexendo também? Ah, mas ela não quer vir brincar com a gente, não. Eu vou lá convidá-la tá bom?"*

L - Muito bem, jóia!

M - Até vou assistir.

(Risadas)

M - Você me empolgou aqui. Ah, adorei!

L - A peça, o dia.

J - Dia 20 de julho no Teatro Municipal, sala 1.

L - Jóia! J., então, assim, é, das diversas situações que nós falamos aqui; qual, assim, você achou que a sua voz, assim, mais mudou? Ou você acha que mudou? Comente um pouquinho da voz nessas situações, do texto, ou mesmo da polêmica.

J - Querendo ou não, eu sei que tô sendo, que tão gravando a minha voz, né. Então, eu já procuro, assim, é, não modificar a voz, mas, não é aquela coisa de pensar no que vai dizer. Mas, acho que tem um cuidado maior, mesma coisa quando eu estou representando, né. Então, eu sei que estou representando, lógico. Então, a voz modifica, nesse caso aqui, é, eu procuro fazer uma coisa mais infantil, mesmo. Como se essa personagem que eu tô fazendo fosse criança também.

L - Hum, hum.

J - No texto não se fala se é criança ou não. Mas, eu procuro fazer mais como se fosse um garoto.

L - Hum, hum.

J - Um garoto de outro mundo.

L - Sei, e a voz nessa atividade ficou como, assim, você achou? Ela fica diferente em que?

J - Eu procurei diminuir assim, a intensidade para não ficar uma coisa assim, meio agressiva, vamos dizer para a criançada, né? E fantasiar, né, porque é o que vale para a criança. Ela tem que entrar nesse clima de fantasia da peça. Então, eu procuro fantasiar a voz, né. Tem muita de expressão de rosto, assim, igual, por exemplo agora, como eu estou falando, eu não falo assim.

(Risadas)

L - O tom assim, você achou que ficou mais como? Mudou ? Sua voz ...



J - É isso que eu estava falando para você. Mudou, mas eu tenho medo que, quem esteja assistindo fale assim: “*Ai, que bobo!*”, entendeu? É, esse cuidado que a gente tem que tomar, né?

L - Hum, hum.

J - E eu que nunca trabalhei com infantil, fico muito preocupado com isso.

L - Hum, hum.

J - Mas, assim, eu acho que ela esteja mais, é, aguda, né. Não tô usando um tom tão grave.

L - Hum, o ritmo, né? Como você achou que...

J - O ritmo tá mais assim, não sei se vamos dizer, é, não é mais lento. Mas, eu procuro falar mais assim, não sei o que, tal, é, articulado bem pra criança pode, porque peça infantil pra criança, é lógico, pra criança, ela começa se envolver tanto que, às vezes, você fala assim: “*Ah, onde foi parar a boneca? Ah, tá ali, tá ali, tá ali*” - eles começam a falar junto, então, você tem que ter essa noção. Porque a criança participa mesmo.

L - Hum, hum.

J - Ela é uma personagem da peça também.

M - É mesmo.

L - Então, você acha que a voz varia conforme a situação?

J - Ah, varia. Lá, no meu serviço, por exemplo, quando eu tô atendendo alguém, procuro falar mais macio, né, mais calmo, pra pessoa tá entendendo o que eu tô falando, né? Igual quando [ ? ] antes eu ia falar, então eu ficava, “*não porque, você, no caso se você, trazer a escritura pra mim*”, né? “*Daí, eu, então*” ... ficava assim, muito picadinho, às vezes, eu engasgava muito, né. Então, agora já procuro com mais calma. Eu procuro saber antes, né. Já me informei bastante, também tem isso, né? Conheço mais o serviço. Então, para passar tudo de uma vez, se a pessoa não entendeu a informação, ela pergunta novamente, daí, eu explico novamente, né? E eu procuro tirar dela também alguma informação, né? “*Mas, se você já foi tal lugar fazer tal coisa*”.

L - Hum, hum.

J - Né? [ ? ] Agora, normalmente conversando assim, eu ainda, acho que eu falo um pouco rápido. Melhorou bastante, né? Mas eu ainda, acho que falo um pouco rápido. Agora, por exemplo, na leitura que eu fiz agora há pouco eu li um pouco, um pouquinho rápido também. Eu já consigo ler muito mais devagar, mais lento, mais com calma, né?

Mas, como foi a primeira coisa que eu fiz hoje eu acho que estava mais assim, daí, eu li um pouquinho rápido.

L - Hum, hum. Jóia, então, pra gente encerrar você podia falar seu nome de novo e o que você achou da gravação, como saiu.

J - Bom, meu nome é J. S. e eu achei interessante fazer esse trabalho hoje, eu nunca tinha feito e espero que o resultado seja bom.

(Risadas)

L - Jóia!

(Pausa)

(Comentários)

R - Deixa eu pedi só mais uma coisa para você, J.? Quando você falou que vai para o trabalho sua voz fica mais macia.

## ANEXO 2

### **TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA - GRUPO 3**

Legenda:

... - *pausa*

[ ? ] - *trecho não inteligível*

Trechos analisados – *negrito*

P - Batendo um papo, é, independente disso, assim, quer dizer a R. falou que é um trabalho de coleta pra tese dela...

Todas - Ah! Sim...

P - Isso todo mundo sabe, tá certo. Bom, então, eu fui convidada pra estar coordenando este grupo, pra gente tá discutindo e gravando a voz e depois ela vai tá usando esse material na tese dela, tá? Então, o que é que eu... a minha função aqui é tá tentando, é, coordenar o debate entre vocês. O meu primeiro roteiro é a gente se apresentar, tá bom? Eu aliás, é bom porque eu não conheço todo mundo ... (risos)

A - É realmente.

M - Espera, aí.

(pausa)

L - Já pode ir gravando.

P - O que que ele falou? Isso, melhorou.

(técnico - Conversa qualquer coisa.)

P - Pois é, justamente já to nessa fase de conversar qualquer coisa.

Todas - (risadas)

P - A hora que você falar: “tudo bem”, aí, a gente começa, então, fazendo o roteiro.

Técnico - Tá bom!

P - Tá bom? Bom, então..., não podemos começar agora na apresentação.

L - Ah! Faz um treininho.

M - Faz qualquer coisa.

P - Faz parte da coleta de dados, então, vamos ver. Como é que foi assim. O começo.

A - Volta!

AP - Ah! Mas, como é que eu vou conversar assim, sem me apresentar?

P - Vai, você faz um esforço. Faz de conta que, bom, você já me viu, né ?

(risadas)

P - Não é a primeira vez que você está me vendo, então... Vocês estão aqui desde que horas?

L e M - Desde às 8:00h!

P - E foi legal? As pessoas chegaram...

L - Foi super jóia. Vieram um ator, né? Ficou eu e a M. coordenando um ator.

A - Nós também era dupla, veio só a telefonista, a professora não veio, né? Daqui, da UNUMEP mesmo.

P - As duplinhas de trabalho.

Todas - Não!

P - Não.

M - Aqui é.

AP - É que sou eu e uma outra menina. Ela não pode vir, daí veio a A. no lugar dela.

M - Yes.

L - O R.

A - Eu não conhecia ela, nem essa telefonista que veio. É a primeira vez.

P - Uma situação...

L - Roberto Carlos

(risadas)

P - Afasta.

M - L. afasta

(risadas)

P - Um problema de conceituação. Afastar, se aproximar, emcima, embaixo...

M - Tá com um problema de [ ?]

L - Final de semestre é assim. Organização espacial.

P - Vai ficando doidinha. Pode começar?

(risadas)

M - Ah, L.!

P - Então, vamos lá. Podemos começar aqui pela nossa amiga L.?

L - Sim.

P - Diga seu nome.

L - Falar meu nome. Meu nome é L. M., eu tenho 21 anos. Ih, estou muito feliz hoje de estar aqui reunidas.

(risadas)

M - Era só o nome, L.

(risadas)

M - Só o nome.

L - Vai de novo, pode ir D.

M - Viu só o nome.

? - da próxima vez.

P - Vai lá!

A - Meu nome é A. Tenho 21 anos. Sou de Piracicaba também.

P. Hum, hum!. Por que também, a L. é de onde?

L - Não. Sou de Santa Bárbara.

M - Sou eu, é que .... o negócio tá assim...

P - Meu nome é R. Eu sou de Piracicaba também.

(risadas)

P - Embora, estive, estivesse fora por quase 20 anos e estou agora dando aula nesta universidade.

AP - Eu sou AP. Eu sou de Limeira, mas tô morando aqui.

M - Meu nome é M. e eu sou de Piracicaba.

P - Nasceu aqui mesmo?

M - Nasci.

P - Hum , então, somos três, não, você.

A - Eu sou também.

M - Aqui é a maioria, porque ...

P - Somos três piracicabanas.

M - Aqui é a maioria, porque na classe, né ? É a minoria.

P - Não, e com uma novidade sem o sotaque característico!

Todas - Ah! (risadas)

M - Pra banda de cá nem tanto. (risadas)

A - Aqui também não, só ...

P - Bom, vamos lá. Ahn, você, a R. solicitou que vocês pegassem um livro de Saúde Pública, não foi?

M - Não, não foi.

P - Gente, este é um trabalho de tese.

? - Foi.

L - Isto não estava no *script*, né?

P - Não, não estava no *script*, mas, por isso que sempre tem uma novidade no *script*. Um trabalho com voz envolve este tipo de coisa. Então, eu gostaria assim, olha! Ahn, vocês já viram este livro?

Todas - Já! Ahn, ahn!

P - Quem já leu de fato este livro? Ou pegou na biblioteca, só?

A - A gente leu texto. A gente xerocou texto pra disciplina né, de Saúde Pública. Não sei que capítulo.

P - Esse livro é interessante porque ele fala de algo que me é muito caro, que é o SUS. Você todas sabem, né? Então, aqui, eu escolhi um, um trecho do livro. Eu gostaria assim, que cada uma de vocês ... Vocês sabem que o Sistema Único de Saúde, ele tem, ele tem alguns princípios, algumas diretrizes. Então, eu gostaria que cada uma de vocês lesse uma dessas diretrizes para depois a gente discutir entre a gente o que significa, tá bom? Pode ser você primeira L?

L - *“Diretrizes do SUS. Descentralização com direção única em cada esfera, entendida como descentralização gerencial e de repasse de recursos financeiros, físicos e humanos com definição de competência e atribuições de cada esfera de poder.*

A - *“Atendimento integral com prioridade às ações preventivas, isto é, oferta de serviços que também atende as necessidades de saúde da população, valorizando as ações que previnam os riscos e agravos aos quais essa possa estar sujeita.”*

P - *“Participação da comunidade com a finalidade do apontamento de suas necessidades e do controle social, do correto uso dos recursos disponíveis.”* É ótimo esse!

Todas - (risadas)

AP - *“Acesso igualitário e universal às ações de serviços, sem distinção ou discriminação de qualquer espécie a todos os indivíduos da população.”*

? - M., o último.

M - *“Gratuidade nos serviços prestados, independentemente do tipo de prestador que esteja integrado ao SUS.”*

P - Uau! Agora nós vamos ver se a gente leu mesmo. Bom, L. eu vou tá perguntando, mas acho que não é específico para uma pessoa. A idéia é que a gente possa debater essas coisas. O que você entende da questão da descentralização, por exemplo, da direção única em cada esfera? Você ainda lembra disso?

L - Hum!

(risadas geral)

L - Será que as alunas podem ajudar?

P - Ah, lógico tudo bem, evidente, nós estamos em casa.

L - Aqui é um grupo.

P - Nós somos um grupo, é.

A - É que cada cada região tem uma pessoa que vai. Tem seu posto de saúde.

L - Tem seu posto de saúde, né? Que nem aqui em Piracicaba a gente sabe que são dividido em seis regiões, né? Em cada região tem seu posto de saúde, né? E esse posto de saúde é assim, é responsável por aquela população daquele bairro e ...

P - Mas, a menina é boa, hem gente?

(risadas geral) (comentários ininteligíveis)

A - O, L. a gente estava estudando sobre isso, né.

P - Isso! Alguém lembra de mais alguma coisa? Ou pode dar um exemplo prático disso daí? Um exemplo dessa questão da descentralização? Assim, é, a saúde, né, em termos de políticas sociais no Brasil ela tem evoluído, né? O SUS é onde nós chegamos agora no máximo do nosso desenvolvimento. A partir daí, lógico, pode sempre melhorar. Mas, a idéia da descentralização é essa, quer dizer, é que você tenha uma região, uma cidade ou um município dividido por regiões pequenas que a gente chama de distritos de saúde, de distritos sanitários, é, responsáveis por um determinado número de população, tá? E nesses distritos deveriam ter uma unidade básica de saúde, uma unidade especializada de tal forma que a população não precisasse se deslocar, né, muito, pra ter acesso, ahn, aos equipamentos...

L - aos serviços

P - de saúde, digamos assim, e aos técnicos de saúde, tá? Esse é um ponto. E a descentralização ela não significa só descentralização dos equipamentos, mas tem uma

descentralização política, tá? Então, o que significa isso, que ao invés de você ter só o secretário de saúde do município decidindo à respeito das questões de saúde, você teria os diretores de distrito também responsável pela decisão. Então, por exemplo vou comprar uma tomografia computadorizada. Piracicaba tem uma só. Então, nesse caso não teve como você discutir se vai para o distrito tal, hospital tal, tal e tal. Agora, se você comprar um raio-x que é uma coisa que já, ahn, já é um equipamento não tão sofisticado, mas que você acha que uma determinada região dessas de Piracicaba, que por exemplo, fica perto de um, de uma fábrica que polui, que, ahn, solta agentes poluentes e as crianças tem muito problema, é, sei lá, respiratório. Você quer um equipamento mais preciso para você ver o que é que tem, né, no pulmão. Sei lá, faz parte de seu controle de saúde da população. Então, você vai certamente tá discutindo junto com esses 6, você falou que aqui em Piracicaba são 6 regiões, você senta com os 6 diretores de distrito, tá e o secretário e o conselho, né, de saúde, pra, então, tá decidindo, certo? Vamos lá! Que tem mais coisa interessante no SUS. A questão do atendimento integral com prioridade às ações preventivas. Isso é o arroz com feijão, né?

Todas - Ahn, ahn!!

P - Que é que vem à cabeça, quando vocês pensam em atendimento integral?

A - Atendimento integral? Que vai atender as necessidades reais da população, que atenda assim, a tudo, de repente, que ela, população tá precisando, necessitando. Principalmente, quando entra essa parte preventiva, quer dizer, que tá dando um enfoque geral nas condições de, geral de saúde do indivíduo, não só a parte de saúde, mas também envolve a parte social, educação, umas coisas assim, né, que envolve tudo. Só que a gente vê, a gente não vê parte de prevenção aqui em Piracicaba, pelo menos, essa é assim uma coisa super que não acontece, mais a parte curativa. Aí, entra uma questão assim também, essa parte preventiva tem muito assim da falta de orientação. Acho que a população não sabe o que é também, né? Aí que eles num, não se abrem pra tá aceitando essa parte de prevenção, não sabe o que que é, não dão valor. Acabam, também o pessoal lá, da, do SUS, porque eu tenho contato com pessoa assim do SUS, ela tava contando um trabalho que ela fez de prevenção e assim, ficou meses, meses, meses, assim, mas não deu resultado nenhum. Toda população que ela estava trabalhando, tipo desvalorizou o que ela tava fazendo. Não dava valor, porque eles queriam parte que é de curativo, não quer a parte de prevenção. É curativo que eles querem mesmo. Aí, acaba assim, o pessoal vai muito, um monte de



projeto, fica a maior briga para conseguir um espaço, quando consegue a população não dá apoio nenhum, né.

L - A demanda envolve tanto o nível terciário, primário, secundário, vai ficando...

AP - Acho que tem muito isso, a pessoa só vai a hora que o calo aperta mesmo.

A - Pois é...

P - Mas em relação a essa, essa questão que ela coloca, por exemplo, da população não conhecer a, uma atuação diferente, que não o curativo. Que que vocês acham, isso acontece de verdade?

A - Acontece. Acontece muito.

L - Eles acham que assim, a prevenção...

P - Dentro da Fonoaudiologia como é que é isso? Você sentiram isso na hora que vocês ...

M - No estágio a gente vê, né. Só que como a gente não fez estágio diretamente no SUS. Mas, também, foi em posto de saúde, né? A gente vê assim, as mães não tão muito abertas pra receber informação preventiva, né?

L - Meu filho não tem problema, não precisa, não vai ter, então...

M -É.

L - Nunca foi aquilo assim, trabalhado, né de prevenção. Então, pra ela, não, se tiver problema vou procurar depois.

P - Só uma coisa M. Aquilo era SUS. Ocorre que não está no gerenciamento municipal, tá? O, a, a ESALQ, o gerenciamento se dá através do Estado, quer dizer ainda, não houve uma, uma integração dessa unidade do estado na prefeitura.

M - Eu achei que era só, o, pelo hospital da USP.

P - Não, mas a...

M - Você não achou?

L - É.

**P - A idéia do SUS é, na hora em que você fala em descentralização, em direção única, a idéia é que você pegue todos os equipamentos que antes eram, por exemplo, do Ministério da Saúde, do Governo do Estado e própria da Prefeitura, você junte sobre uma mesma direção, tá? É a direção única que a gente fala. Que seria quem? O município gerenciando, tá? É, mas isso, isso ainda, está em transição. Não é todo lugar do Brasil que conseguiu, é, juntar todos equipamentos dessa forma, tá? Por isso que a gente vê essa coisa, por exemplo, a ESALQ, uma população... o correto, que**

**que seria? incorporar a UBS da ESALQ pro sistema de saúde de Piracicaba e abrir a ESALQ pro público geral.**

M - Hum, hum.

P – Agora, vocês acham que é fácil conseguir isso?

Todas - (murmúrio)

P - Claro que não, né? Então, por isso que tem essas, esses entraves. Eu acho que são políticos, que dependem de uma vontade política tanto do Governo do Estado como da Prefeitura pra poder fazer acontecer o SUS. Mas, quando a gente fala em atendimento integral com prioridade para as ações preventivas, né? O que que lembra a palavra integral?

M - Ah... isso lembra

A - Integral...

P - Não lembra o sujeito como um todo?

L - Integrar, todas né, as áreas.

P - Por que o que que significa isso, né, o sujeito como um todo? Você, a AP. começou a , é...

A - A A.

P - A. começou a falar. Só que ela ainda, fala em coisas gerais. Ela fala - atender as necessidades gerais da população, ahn, não implica só em saúde, implica em outras... que que são essas outras coisas? O que que determina a saúde e a doença?

M - É, é aquela coisa que você falou, né? Parece. É a gente tem que ver o perfil do usuário, né? Tem que saber nível cultural, social, socio-econômico. Tem que ter todo esse...

L - Todo?

M - Todo esse todo, pra gente fazer uma idéia do que que ele tá necessitando. Parece que, pra mim fica mais ou menos isso.

**L - Assim, acho que nenhum posto, nenhum descentralizou. Em cada posto teria que ter assim, todo um atendimento integrado pra tá suprindo as necessidades daquele indivíduo, né? E a gente vê que não é bem assim. Por exemplo, né? na ESALQ, a gente viu, não tinha fono, por exemplo pelo sus. Não tinha oftalmologia, ele tinha que pegar uma guia pra e, tá naquele posto, naquele não tinha aquele atendimento. Então,**

**não sei estava assim integrado. Vamos pensar assim, vendo o indivíduo como um todo. Ele tinha aquela necessidade, não tinha como buscar ali.**

A - Porque não são assim. O que o SUS oferece, mesmo em região de posto, não é nada integral.

L - Não.

A - Porque tem o que, um médico geral, mas esse médico é um clínico e, às vezes, se você for ver em posto que eu fui ver, é um pediatra, que atende o que? Faz um plantão, um período lá. Todos os tipos de problema ele atende.

L - Mesmo assim, a nível até de conversar, que nem a gente vê, o que acontece com as consultas? É cinco minutinhos, vai, consulta, vai. É que nem você falou, é atendimento só. Então, você não vê aquela pessoa como um todo.

P - Bem integral né L.?

Todas - (risadas)

L - Você não conversa. Não tem nada assim de...

P - Cinco minutos de integralidade.

Todas - (risadas)

L - Nem como foi... Então, acho que é esse integral que, a gente vê que não tem mesmo na prática.

P - Agora a gente vê então, os dois lados: a gente vê os profissionais que não têm essa visão integral.

L - Hum, hum.

P - E a gente vê por outro lado o que a A. falou que é...

L - A população mesmo.

P - A população que não entende isso. Então, é, o que que a gente faz quando, por exemplo, alguém vem procurando uma, por exemplo, na hora que você enquanto fonoaudióloga você tem uma busca por um problema, troca de sons na fala, por exemplo, né? Quer dizer, qual que seria, então, a nossa postura perante aquele sujeito que nos vem procurar em relação a essa integralidade? Como é que a gente se porta na avaliação, ahn, como é que deveria, né, se portar na avaliação e posteriormente, no tratamento? Porque é essa ponte que a gente faz com o sujeito como um todo, né? Como é que é, isso na fonoaudiologia? É fácil se vê o sujeito como um todo?

AP - Assim, é, não sei, acho que dentro do que a gente foi formado assim, acho que não tem como não, entendeu? Eu acho assim, desde que vem os pais para a entrevista e depois, não tem como: “*Ah, estou vendo.*”, pelo menos eu, “*Estou vendo a troca*”. Não, entendeu? Eu vejo todos aspectos, aquela criança, o que ela é. Não, que nem, às vezes, acontece, já aconteceu comigo, já. Tipo, a mãe vem com a queixa “*é troca*”. Então, ce vai parar na troca. Falta, às vezes, aspectos ficam pra trás, que são importantes também. Então, hoje eu penso assim, ele chega eu vou ver o que, quem é ele. Vamos supor, é, um nome lá, quem é essa pessoa. Não, ah, que trocas que ela tem, só.

M - Porque é mais fácil, né? Você ir direto na troca, o que a mãe falou...

L - Você fica ali só...

M - Você vai direto naquilo e cê num, o tempo fica mais, né? Mas, só que pode, as trocas podem tá ocorrendo por vários fatores, né?

P - Justo.

M - E a gente tem que tá investigando esses fatores, entendendo porque, né, pra aí, agir nesses, nesses fatores.

AP - Acho assim, que nem uma questão também, desse atendimento de ter vários profissionais no mesmo local. Eu tive uma experiência assim, uma paciente chegou, ela tem uma voz hiper nasal decorrente de uma fissura que foi corrigida, já. Aí, que acontece, eu avaleiei, só que assim, dentro da minha avaliação tive uma limitação assim, que eu não pensei em fazer uma palpação, alguma coisa para ver se tinha uma fenda submucosa. Não pensei, não sei o que aconteceu, passou. Aí, mas eu, por sorte eu encaminhei para o otorrino e ele viu e me mostrou, tudo. Então, é uma coisa, assim, imagina quanto tempo eu ia ficar trabalhando com uma coisa que não ia adiantar.

P - Hum, hum.

L - É o olhar clínico, mesmo, né? Que cada um tem e da importância da atuação.

AP - É. Que foi legal. Eu acho legal até assim, a posição deles, dele mesmo. Que ele tá fazendo exame, ele não tá ali fazendo exame, depois ele te conta, o que ele fez. Não, ele fala venha ver: “*que que você tá vendo? Põe a dedeira, coloca aqui, cê tá sentindo, o que você tá sentindo?*” Então, eu acho que isso, cê tá fazendo junto. Não é uma coisa assim, eu fiz, daí, eu mando uma carta - “*oh, fiz isso, isso.*”

P - Você fala de um trabalho interdisciplinar?

AP - Isso.

P - Né?

AP - Hum, hum.

P - Muito bem. Oh, vamos pra frente, aí, que tem um monte de coisa ainda, quanto ao SUS. Ah, o que eu li, a participação na comunidade com a finalidade do apontamento de suas necessidades e do controle social. Que é que isso, gente? Vocês viram controle social? Que é o controle social?

L - Não sei, o que eu entendi assim, da participação da comunidade, né? No sistema.

P - Hum, hum.

? - Certo.

L - Pela experiência que a gente teve, né? Assim, tanto na ESALQ, acho que nos postos. Assim, eles não tem a orientação e também assim, às vezes quando tem, mas eles, parece que não querem, assim, abrir os olhos. Não querem enfrentar. Eu acho que falta muito também disso, né? Da comunidade tá indo, às vezes, a gente vai com toda boa vontade, vem chega, marca, não, *“Vamos marcar orientação, olha, tal hora”*. Não vem, não comparecem. Acho que falta assim, também a motivação deles, mas, entendeu? Porque isso acontece também é difícil, né? Pode ser várias coisas. Mas, acho que não tem também essa, ah, participação ativa da comunidade em si também.

P - O que que vocês acham?

AP - Ah, eu concordo.

M - Eu concordo também.

AP - Tipo assim, eu fui fazer um trabalho na área de audio assim, de prevenção, de PAIR, não sei que. É, uma, não sei se assim, por a gente ser muito nova, tipo, então, sabe: *“que essa menina tá aqui, eu trabalho faz dez anos nesse lugar. O que é que ela vem me falar que eu tenho que fazer?”* Entendeu?

P - Hum, hum.

AP - Então assim, não sei se também, é questão de não saber o que é a fonoaudiologia.

M - Também.

AP - E tudo isso, então assim, eu senti, que as pessoas...

A - Mas, é muita comodidade. A pessoa parece que tem medo de tentar renovar alguma coisa, também, às vezes. Ou, não sei se é só medo, falta de informação, às vezes, não sabe como faz também. Ou, às vezes tá cansado e tentar fazer alguma coisa, mas assim, vê que

não dá certo uma vez, desiste logo, vai parando. Não persiste, não procura sempre tá vendo mais ...

M - E a gente...

A - Aquela história sempre foi assim, nunca vai mudar, "*tô acostumado a fazer isso*". Essa palavra, "*tô acostumado a fazer isso*", acho que é uma coisa que a gente escuta tanto, irrita cada hora que eu ouço.

P - Deu certo até agora?

? - Não.

A - Deu.

M - E a gente parece assim, que eles pegam o que é mais fácil, também, né? Que nem orientação sobre amamentação. Aí, eles, ah, vamos tentar tirar chupeta, dá tudo que é orientação. Aí, fala da chupeta e da mamadeira ortodôntica, porque se vai tirar e não quer tirar de vez. Ah, então, as meninas da chupeta e da mamadeira.

P - Hum.

M - Então, fica assim, entendeu? Parece que eles não entenderam o que a gente passou...

? - O processo.

M - ... pegou a, um pouco da informação, o mais fácil, né? E parece que fica, aquilo que fica. É o mais ...

A - Mas, às vezes, eu per..., penso assim, será, que de repente se a gente não passou muita informação de uma vez só, também?

M - É, pode ser.

A - Né, porque tem hora que se eu pegar, colher todos os tipos de informações, é meio complicado, né? De repente, se ele pegou alguns focos, acho que já ficou assim, já é legal. Já é uma coisa válida, já, também, né? O duro é quando não pega nada.

(risadas)

AP - Mas, acho que falta bastante coisa assim,...

A - Falta.

AP - ... da questão. Acho até assim, mães, entendeu? Que você passa. Tipo, tive uma experiência também de ter encaminhado para um orto... pra ortodontia da UNICAMP. Assim, liguei e teve como passar na frente de todo mundo o menino, a mãe não levou, entendeu?

L - Na escola, né...

P - Agora, esse controle, é, diz respeito a essa participação, evidentemente, ahn, nos assuntos próprio da sua saúde. Mas, essa participação que diz aqui, é uma participação política da população. O que que prevê o SUS? O SUS prevê que a unidade seja gerenciada por um Conselho Municipal. Por um Conselho Municipal a nível do município. Por um Conselho de Saúde a nível da unidade. Então, nas unidades de saúde teria que ter o chefe da unidade sentando junto com 50, vamos supor numa, numa distribuição assim, 50% de usuário, 25% de funcionários e 25% do gerente da unidade, senta..., teriam assento uma vez por mês num Conselho que taria discutindo, então, o que fazer naquela unidade pra atingir o atendimento do sujeito como um todo, integral. Descentralizado. Ahn, o que comprar de equipamento, o que que é necessário. Como organizar a recepção pra as pessoas não ficarem esperando muito tempo, né? Então, o controle social significa um controle meio que de fiscalizar para ver se o Sistema Único está acontecendo de acordo com essas diretrizes, né? E isso, vocês viram acontecer? Aham que acontece, já tem notícia a respeito disso?

(Várias) - Não.

AP - Acho que as pessoas nem tem ...

P - Mas, vocês acham viável esta proposta? É uma proposta que tá na lei de 1988, tá? Ela não veio do nada, quer dizer, ela veio em cima de movimentos populares que já tinham feito, trabalhado nesta perspectiva de atuar fiscalizando os centros de saúde, os postos, né? E aí, então, quiseram pôr na lei. Ouviram falar isso alguma vez?

(Várias) - Não.

L - Nem sabia.

M - Nem eu.

P - Não? Pois é, é essa, esse itenzinho, aqui, ó: *“participação da comunidade com a finalidade do apontamento de suas necessidades e do controle social do correto uso dos recurso disponíveis.”* O que acontece? Com o SUS, o financiamento dele, ele vem parte da verba da Prefeitura, do Município e parte da verba vem do Ministério, né? Então, quem decide o que fazer com essa verba? O prefeito? O secretário, né? Atualmente, ainda é assim em muitos lugares. O que a constituição, é, eu acho que inova, é que além do prefeito e além do secretário de saúde, quem teria que tá dizendo: *“Olha eu quero que gaste o dinheiro na unidade X, com equipamento X ou pra contratar fonoaudióloga”*, por exemplo, teria que ser esse conselho, entende? Então, nesse conselho você tem 50% da

representação de usuário. Então, por exemplo, você tem dois usuários, você vai ter um funcionário e um chefe da unidade, entendeu? Sempre o usuário vai estar em maioria. Que que vocês acham desta proposta?

AP - Bom eu acho legal, mas eu acho inviável, mas...

L - Eu acho assim, nós da área de saúde em sabíamos essa lei, né? [ ? ] Até chegar na população?

(risada geral)

P - E os usuários da saúde, será que eles sabem dessa lei? É meio complicado, né? Olha. Difícil, né? Primeiro tem que ter uma divulgação, então, né?

? - É

P - Eu acho que a função da gente enquanto docente numa numa universidade é justamente tentar passar isso, quer dizer a gente atuando na saúde, né? Eu acho que a gente tem que tá sempre tomando pra si esse papel. Quer dizer nós temos direito a 25% na representação de um conselho, que ainda, é imaginário; mas que a gente tem que fazer ele acontecer, né? Veja só, unidades como a ESALQ funcionam muito bem. Mas, tem outras que a gente viu que não funcionam. Se esse conselho estivesse atuando será que não seria importante? Pra diminuir fila de espera, pra ter de fato médico, lá. Porque se o médico sabe que tem alguém, fiscalizando...

L - No atendimento mesmo. Hum, hum.

AP - E pra cada, pras necessidades de cada região, também.

P - Sem dúvida, justamente porque daí, você aloca os recursos de acordo com a necessidade da população, né? Isso implica, evidentemente em ter representantes de usuários, ahn, interessados no assunto. Porque também não é assim, mágico, não é?

M - Não.

AP - É.

L - É.

A - É

P - Como é que acontece de alguém vir a ser representante, por exemplo, dos usuários, né? Quem que eu vou escolher dentre as Donas Marias e os Seus Joãos que vão lá? Quem que eu escolho pra ser representante, né? Isso implica num processo democrático, de escolha, de votação, né? Pessoas que entendam da saúde...

L - Hum, hum. Isso que eu ia falar.



P - Não é?

L - Hum, hum. Senão aquelas que só querem agitar, né? Faz e fica também, né? Tem todo esse processo, né?

A - Só sabe pedir, mas não sabe argumentar, valorizar o que cê tá fazendo.

L - É. Também, argumentar, dá idéias. Acho que tem todo esse papel também.

A - Sem dúvida.

M - É tem que ser pessoa, tem que ser, tem que ser pessoas que sejam qualificadas, né? Pra tá nesse lugar, também, que estejam representando, mas de uma forma que, né? Todo mundo, é, seja a vontade de, da população mesmo, né?

P - Isso, não de meia dúzia da população.

M - Não

P - Sem dúvida. Tem essa, essa dificuldade.

AP - E complica mais.

P - Quer dizer a democracia não é fácil, né? Ela é uma busca. Bom, vamos lá. O acesso igualitário universal às ações de serviços. Alguém lembra esse princípio? Que que significa? O acesso igualitário...

AP - Que todas as pessoas tem o mesmo direito de atendimento sem distinção (várias juntas) -... raça , cor,

A - religião, sexo, acabou.

(risadas/comentários)

P - Acho que ela tá falando que você está muito boa.

(risadas)

P - Que você aprendeu o conceito. Isso aí. Que mais, vocês concordam com isso?

Todas - Hum, hum.

P - Vocês viram isso acontecer?

M - A gente vê acontecer, assim, até com patologia, né, P.? Que nem tem hospitais que não atendem aidéticos. Essas coisas eu acho que não deveriam acontecer, também.

P - Tá, tá sendo usado esse princípio?

M - Não, entendeu? Aí, a gente já vê, né?

AP - Não e outra, tipo em hospital. Eu não sei porque eu não posso provar. Mas, assim, falam, falam, né? Se chegar uma pessoa e falar :“*Eu pago, me atende agora.*”, vai.

P - Isso mesmo. Hospital público no Rio de Janeiro...

AP - Ou melhor, eu já tive até uma, tipo assim, com convênio, sem ser na, na rede pública, ainda. De você ligar pro médico : “*Olha eu queria uma consulta e tenho convênio tal.*” - “*Ah, com convênio, pra daqui dois meses.*” Aí, minha amiga ligou no mesmo médico, então, “*É particular?*”...

(alguém junto) - Particular.

AP - Essa semana.

A - Mas, não teve outro dia um caso. Tava dando na televisão, de um menino ter sofrido um acidente não sei do que. O pai queria que fizesse uma tomografia pra ver se não tinha acontecido nada, por dentro. Então, se tava tendo uma hemorragia, alguma coisa. Não foi feito, não quis fazer. O sistema não quis, tinha que aguardar, aguardar. Ele ficou na fila de espera, ficou ali esperando. Depois de 12 horas o menino morreu porque ele estava com hemorragia interna. Se tivesse solicitado, o menino sofreu um acidente, se tivesse feito, quer dizer daria para tá vendo, agilizando as coisa que precisavam ser feitas, né?

P - Certo.

A - Foi recente, não lembro quando. Esta semana comentaram comigo.

P - É isso a gente tem visto muito. Quer dizer, estes princípios todos ainda, eles estão muito no papel.

(várias) - É, nossa.

A - No papel, é lindo, não?

P - É, a gente vê...

L - Na prática

M - Porque é fácil, né? Colocar no papel. Coloca do jeito mais bonito que for. Agora na hora de agir mesmo demanda mais tempo, mais, né? É mais difícil de fazer.

P - Esse pai que queria a tomografia por exemplo. O que que ele poderia ter feito, pra realmente garantir que fosse feito um exame melhor no filho dele? Porque ele teve uma intuição e no final se mostrou certa, né? A intuição. Quer dizer, o que que você tem que fazer enquanto cidadão pra garantir os seus direitos? Porque estão no papel, né? É difícil, mais difícil você brigar por direitos que não estão no papel, né? Agora este está no papel. Então, você tem, tem como brigar por eles, né? Como agora ele vai poder brigar com o hospital, certamente, né?

(várias) - Hum, hum.

L - Precisou acontecer, parece...

M - Esse que é o problema.

L - Pra ele buscar, pra ver a informação. Não, então, eu tenho lei, eu tenho direito, né? Então, agora eu vou buscar.

A - É, então, será que ele sabia que era lei, direito dele, de repente?

L - Se ele argumentasse, se ele fosse atrás. Não, né? Ele teria, acho que, é que ele, né? Fala aquele ditado, né? *“Grita a voz o mais forte que, que vence”*.

M - Mas, sempre parece que é assim, né? Tem que acontecer. Agora o menino já morreu. Não vai mais...

L - Parece que é sempre assim.

M - Nada mais vai fazer ele voltar, né? Então, é uma coisa que sempre tem que acontecer pra depois a pessoa ir lutar pelo que ela pode.

P - E depois a pessoa luta M.?

M - É, isso que é.

L - Eu tenho essa dúvida também.

M - Não luta mais. Porque perdeu, perde até a vontade, né?

P - E nós que tamo vendo esta situação, né? Será que quando chegar a vez da gente ter que brigar, a gente vai fazer isso, né? Aconteceu com vocês? Com você aconteceu com sua amiga, por exemplo. Eu, no lugar eu teria desmascarado na hora, o cara: *“Mas, eu acabei de ligar aí, e ele falou que pelo convênio só tem 2 meses. Então, quer dizer que pelo convênio, eu posso ir...”* Quantas de nós fazemos isso, temos coragem de desmascarar, o profissional, né? E isso, é, significa isso. Quer dizer pra você ter acesso igualitário...

L (junto) - acesso igualitário.

P - Você vai ter que num primeiro momento brigar por isso, né? Até todos os profissionais, ahn, entenderem que é um direito igual pra todo mundo, não?

L - Isso mesmo.

P - E não pra quem pode pagar, quer dizer direito igual pra quem pode pagar? Não é assim, a lei diz que não é assim, né? E quanto a gratuidade dos serviços prestados, independente do tipo de prestador que seja integrado ao SUS? Que vocês sabem que o SUS, ele propõe o seguinte. Ahn, integrar todos os equipamentos de saúde, do Ministério da Saúde, do Governo do Estado, da Prefeitura. Em não tendo tudo numa cidade, num município. Por exemplo, aqui em Piracicaba, a UTI neonatal, ela é da iniciativa privada, né? Ainda, não tinha nenhuma iniciativa privada. Bancou, mas tem convênio com o SUS.

Então, o SUS usa, essa UTI neonatal, tá? Isso fez, inclusive diminuir muito o número de natimortos aqui, né? De mortos após o nascimento, não natimorto. Mas, num prazo de 48 horas que a criança sobreviva ou não, dependendo do equipamento que ela tem para isso, né? Se ela nasceu com algum problema. Então, isso daí, quer dizer, é um equipamento muito especializado. Uma UTI neonatal, né? E, ahn o que diz aqui esse princípio que o SUS, contratando esse serviço, todo mundo teria o direito de tá. Uma coisa, não tem tomografia no seu, no SUS. Mas tem, em alguma outra iniciativa privada da cidade, o SUS vai lá compra o serviço dele e aí, eu do SUS, posso usar a tomografia, né? Esse é um princípio que eu acho que ele, ahn, complementa o outro, né? Mas, isso daí, que vocês acham, quer dizer?

AP - Eu acho que não ocorre. Assim,...

P - Na prática?

AP - É, ocorre. Mas, não assim, sempre. Eu lembro que não sei o que que houve, um escândalo num hospital, acho que em São Paulo, não lembro agora qual. Alguma coisa tipo assim, que tavam cobrando, algumas coisas, assim, serviços que não eram pra ser cobrados. Exames, tal.

P - Teve uma época que cobravam cesárea de homem, lembra?

AP - É.

P - Né? É uma coisa interessantíssima.

AP - Tudo isso pra fazer desvio de verba. Mas, ao mesmo tempo, às vezes, cobravam da população mesmo.

P - Ah, tá.

AP - Eu vi assim.

P - É, a medida que é mais complexo o serviço que você faz e aí, as pessoas pra ganhar dinheiro, então colocam um nome, né? Que foi mesmo no hospital, com um procedimento que não feito. Pra você poder receber mais do SUS. É claro que isso tem um outro lado, né? O SUS paga R\$ 2,00 por consulta, né?

AP - É.

P - Quer dizer isso também implica nas pessoas tarem, é, burlando, né? Essa questão. Meninas, acho que em relação ao nosso, ao que a gente propôs que era uma discussão de texto, parece que a gente já, já acabou. A outra proposta do roteiro seria a gente dramatizar uma situação de trabalho.

L - Hum, terapia?

P - Pode ser uma terapia. Também...

AP - A gente pode fazer tipo uma paciente e a outra é...

P - Vocês podem fazer o que vocês quiserem, tá? A gente dramatiza, comecem também com meu nome é, pelo que, a gente teve aí, de roteiro.

? - Um paciente que é grupo de...

L - Pode ser de voz?

(Risadas)

P - Pode ser. Isso que vocês tiveram, a experiência. Um grupo de voz. Vocês já fizeram, né? Como é que você querem fazer? Não pode sair daqui, né?

? - Isso que eu pensei

P - Tem que ficar aqui. Cada uma fala o nome. Isso nós já sabemos.

(risadas)

P - Cada um fica aqui, fala o nome de novo como se nada tivesse acontecido.

(risadas)

P - Despluga, pluga e começa. Vamos lá.

AP - Ha, ha.

P - Pode ser assim, sem ensaio?

? - Pode.

A - Pode.

P- Então, vamos lá

L - Quem vão ser os atores, as coordenadoras.

? - Tanto faz.

A - Coordena, L.

P - Todas.

L - Meu nome é L. M. Hum, como foi?

M - Acho que todo mundo tem que falar primeiro, né? Primeiro.

L - É. Quem é? Seu nome.

A - Não quem é você, primeiro você apresenta quem você é, não é ?

M - Primeiro tem que todo mundo falar "*O meu nome é*", não é isso?

AP - É.

P - Vai assim mesmo, meu nome é.

M - Eu entendi assim.

L - Meu nome é L.

A - Meu nome é A.

P - Meu nome é R.

AP - Meu nome é AP.

M - Meu nome é M.

L - Bom, hoje nós estamos aqui no primeiro encontro do grupo de voz.

( pesquisador - Cada uma fazer uma dramatização, sozinha igual a gente fez.)

L - Ah, tá. Sozinha, não é juntos.

P - Vocês viram que a coordenação não soube coordenar muito bem. Deveria ter chegado antes pra ver como é que foi.

L - Bom, então. É, eu gostaria assim de saber João, como foi seu final de semana. Que você assim, sentiu da voz, na peça, nas peças que você andou atuando. Corta gravando, volta.

(risadas)

L - Ah, como eu sou... Não sou atriz, viu.

P - Mas, a voz é boa.

L - Hum. Hei J. Como foi o final de semana, tudo bom?

M - Tudo bom. E você, L.?

L - Tudo jóia. E aí como foi a apresentação? Da peça.

M - Ah, foi bem. Eu achei assim, esqueci de falar pra vocês, né? Que eu achei assim que minha voz ficou assim, super boa. Não preci..., eu fiz exercício antes, né? As atividades. Ih, eu não perdi minha voz, durante o fim de semana, né? Eu achei super bom porque eu apresentei, foram, foi, apresentei sábado à tarde, sábado à noite, domingo à tarde, domingo à noite. Fiz matinê, tudo, né. Ih, e antigamente minha voz, nossa chegava no domingo eu tava super cansado, tava, né. E agora não? Tô super bem. Tô, consegui falar na segunda feira, lá no meu trabalho, normal.

L - É porque você fica a semana toda, né? Trabalhando, usando a voz. Na prefeitura, né, cê trabalha?

M - É, na prefeitura e depois no final de semana tenho que usar intensamente de novo. Então, ...

L - Você está tendo ensaio esta semana, à noite?

M - Tô tendo ensaio. Toda, toda noite.

L Que bom...

M - Que a peça tá crua, né? Então, (risada) ...

L - Que bom, então tá tendo alguma validade os grupos aqui de voz, J.?

M - Ah, demais. Pra mim tá sendo ótimo.

(Interrupção da gravação)

L - Não dá pra ouvir, R.

(pesquisador – E agora dá pra me ouvir?)

L (e outras) - Dá...

( segue orientação - Agora faz assim como se você tivesse coordenando o grupo.)

L - Tá querendo me avaliar!!

(risada geral)

P - Vai nessa!

(risada geral)

L - Não fechou a nota, ainda.

(risada geral)

M - Aproveita o Elias, não?

L - Bom, então agora a gente vai fazer um pouco de, de relaxamento, que a gente já fez começo da outra semana, pra gente tentar soltar mesmo o corpo, pra gente tentar soltar a voz, né? Então, vamos começar um pouco com relaxamento de pescoço. Prum lado, pro outro. Quem quiser segurar a mão. Pode sentir.

(pesquisador – Tá bom, agora pode passar pra outra)

(risadas)

P - Tá A.

A - É, e aí gente, tudo bem?

P - Seu nome?

A - Tem que falar de novo?

P - Acho que tem, né?.

A - Meu nome é A. E aí pessoal, como foram de semana? O ensaio de vocês de sábado, foi tudo bom?

AP - Ah, foi ótimo, foi super produtivo e antes do ensaio a gente fez aquecimento, tudo.

A - É e como que tá o ensaio pras peças, vão apresentar esse final de semana agora, não vai?

AP - É tá super corrido. Tá ensaiando direto.

A - É? Que jóia. E aí, é, vocês tem feito assim, de sábado inteiro vocês tão lá? Como é que tá fazendo exercício mesmo de, só atividades de, de ensaio? Ou você estão usando um pouco de, desses de voz, também, que a gente viu aquele dia?

AP - Não, então, é. Agora a gente tá começando a usar um pouco mais, né? Porque antes era só ensaio, corrido. Agora, a gente faz um pouco de aquecimento, faz ensaio, pára um pouco, faz um pouco de novo, volta pro ensaio.

A - Ahn, ahn. Legal e o outro pessoal...

( interrupção para orientação da gravação )

A - Que?

? - Pede pra ela fazer alguma coisa.

A - Pede pra ela fazer alguma coisa, tá! E que tipo de atividades, vocês tem feito, assim? Qual primeiro vocês fazem pro aquecimento de voz? Lá no grupo? Porque tem um pessoal que não faz, né? Que não participa do grupo. Vocês tão dando exemplo pra eles lá, né? Como que é?

AP - Hum, hum. A gente faz aquele das nove articulações, né? De relaxar o pescoço, ombro, a cintura, o joelho, o pé. Então, a gente faz aquele.

A - Ahn.

AP - Depois, a gente sempre faz aquele “TR”. Depois, às vezes, a gente faz com vogal, às vezes, não. Aquele “HUMM”, projetando aqui pra frente.

A - Ahn, ahn.

AP - Ah, deixa eu pensar. Acho que basicamente isso.

A - Legal.

P - Vamos passar pra ela?

( pesquisador - Agora, você pede pra ela fazer alguma coisa.)

A - Tá. Pedir pra ela fazer. Então, vamos começar a fazer aquecimento vocal com vibração de língua. Primeiro a gente faz sem as vogais, que a gente faz com as vogais. Lembra, assim, de não tá forçando sempre no mesmo tom.

? - Tá jóia.

AP - Tem que ser coordenação de grupo, pode ser outra coisa, assim?



P - Meu nome é...

AP - Meu nome é A. P. Então, é, L. você a mãe da Carolina, né?

L - Sou sim.

AP - É, então, ela é, a queixa, é. Bom, vou me apresentar primeiro. Meu nome é A. P., tá? Eu sou estagiária daqui da Clínica de Fono. Eu tô no sétimo semestre, né? Então, assim a gente começa a fazer estágio no quinto semestre de avaliação. A gente passa por um tempo, né? A gente tem quatro anos de curso. No terceiro ano, a gente começa a fazer estágio, tal e agora, tô no sétimo semestre. Então, que que eu já estou fazendo agora? Eu tô fazendo a avaliação e a gente já com..., já faz a terapia também, se for necessário.

L - Hum, hum. E como a Carolina tá, saindo? Qual o andamento dela?

AP - Então, hoje é a entrevista.

L - A entrevista.

P - A entrevista agora...

(risadas)

L - Então, sessão de gravação.

AP - E você veio com a queixa assim, que ela troca letras, né? Às vezes, é, não omite. Eu ia falar que omite. Então, que ela troca letras, né? Você escreveu aqui. É, como que é pra você esse negócio de trocar letras?

L - É assim, é, do jeito que ela fala, ela escreve, né. Então, no lugar de “vaca” ela fala “faca” e ela escreve. Então, ela tá querendo falar que “a vaca muge” e tal. Mas, ela fala “faca muge”. Então, ela troca as letrinhas, “f” por “v”, “p” por “b”; essas comuns, né? Que a gente escuta falar por aí.

AP - Sempre essas, assim?

P - (riso) No curso de Fonoaudiologia.

(risadas)

(orientação - Então, agora você vai falar com a sua paciente, então. Você vai avaliá-la.)

L - Agora eu sou a Carolina.

? - Virou uma criancinha.

AP - Oi, Carolina! Tudo bom?

L - Oi! Tudo bom!

(risadas geral)

AP - Eu sou A. P. Eu sou fono daqui da clínica. Sua mãe te contou porque ce tá vindo aqui?

L - Não.

AP - Ela não te falou nada?

L - Ah, falou assim, que eu ia assim, é, “coisinha” fala. Eu falo muito “elado” , tia?  
(algumas risadas)

AP - Ah, então, ela te explicou?

L - Falou.

AP - Ahn, ahn. E você percebe, ela te falou só? Ou você percebe que você fala...

L - Às vezes, eu falo sim, um pouco errado, “elado”.

AP - Hum, hum. Então, a gente vai tá fazendo um monte de coisa aqui, tá? É...  
(risada)

P - Bem, específico. Tá bom!

M - Ah, meu Deus! Minha vez? Então ...

L -

M - Não vou.

(risadas)

- Ah, é?

M - Então, é vou fazer orientação, orientação à mães, no SUS, lá no posto.

P - Pode falar pra mim, então!

M - Pode falar? (risada)

L - Tá avaliando também.

(risada geral)

P - Já que é pra avaliar, vamos avaliar direito.

M - Oi! Tudo bom, com a senhora?

P - Oi! Tudo bem! Você é quem?

M - Eu sou, eu já ia me apresentar. (risos)

(risada geral)

M - Eu sou M. Tô fazendo estágio aqui. A gente, eu e a L. somos estagiárias do Curso de Fonoaudiologia e a gente tá aqui, na, no posto dando orientações pra mãe de criança, de bebê, mãe, é, gestantes sobre alimentação, chupeta, mamadeira. A senhora tá interessada em saber , algumas informações?

**P - É, eu tô interessada sim. Minha filha, ela tem três anos e ela, parece que ela tropeça nas palavras. Ela, é, tá gaguejando já, sabe? Eu corrijo ela. Falo pra ela respirar antes de falar. Eu falo pra ela olhar pra gente. Mas, não tem jeito, ela tá mesmo gaguejando.**

M - E faz quanto tempo que a senhora vem percebendo isso?

P - Ah, já faz um tempo. Ela começou a falar muito cedo. Com um ano e pouco ela já começou a falar. E agora, assim, já vem uns meses que eu tô percebendo isso. Mas, eu corrijo ela. O tempo todo eu corrijo. Eu faço questão de falar pra ela respirar direito, respirar antes de falar, sabe? Repetir as palavras, que ela fala errado umas palavras e eu falo pra ela corrigir e eu falo: *“Não é assim, filha, é desse jeito.”* E aí, eu falo certo pra ela.

M - E o que a senhora acha dessa correção? Que a senhora tá achando, que ela vem melhorando? Vem piorando?

P - Olha, eu não sei o que que tá acontecendo com ela, porque ela fica nervosa. Ela começa a fugir quando eu começo a corrigir. Ela pára de falar, sabe? Engraçado. Ela conversava muito, agora com as amiguinhas ela não tá conversando mais. Eu não tô entendendo o que tá acontecendo com ela. Você acha que é algum problema, é alguma doença que ela tem?

M - O que que a senhora acha?

P - Ai, que linda!

(risadas geral)

P - Eu não sei o que eu acho, eu não acho. Eu acho que talvez foi, porque ela tem um tio que também faz isso, sabe? É gago e às vezes, eu acho que ela aprendeu com esse tio. Então, não sei, mas eu corrijo ela. Eu corrijo ela direitinho, o tempo todo eu tô corrigindo ela.

M - É, eu vou perguntar, assim pra senhora, o que, como a senhora acha que a gente aprende a falar?

P - Ah, quando a gente é pequeninha?

M - É.

P - Ah, a gente, é meio complicado pra mim porque eu já sou grandinha. (risos)

M ( junto) - Grandinha.

(risada geral)

P - Mas eu acho que a gente fala, vai aprendendo, né?

( interrupção)

( pesquisador - Vou interromper um pouquinho. Tá dando pra ouvir?)

P - Tá.

( pesquisador - A L. tem que ir embora. Então, L. faz a última parte, L., tá? Depois, a gente volta.)

L - Tá. Eu vou precisar ir embora, por isso que eu vou fazer um pouquinho...Bom, qual que é a última?

P - Tá bom! A última, a gente queria que falasse um pouco do das atividades. Como é que foi pra você ? Como é que você achou a sua voz, nestas várias atividades que a gente fez aqui? Então, na apresentação, depois na leitura do texto, depois na discussão e agora, fazendo essa dramatização de uma situação real?

L - Hum, hum. Nas gravações (risada). Bom, assim, sempre tem aquela, coisa de gravação e ficar um pouco mais ansiosa, né? Da fala. Mas, assim eu procurei ficar o mais natural possível e eu tô percebendo mudanças na minha voz, né? Então, a nível assim, de gravação, de dramatização, achei que fica assim, mais natural. Eu consigo assim, voltar e ser mesmo impostar mais, dá uma coisa assim, mais de liderança, né? Que antes, tal , eu não conseguia. Então, eu tinha a minha voz e mantinha e no final, ahn, decréscimo, então, ninguém me entendia no final, que eu tava falando. Então, comecei a ter mais consciência, né de como estar usando essa voz. E assim, nas atividades, na leitura, eu achei assim, que eu coloco um tom mais grave porque eu sei assim, que o outro tá me escutando e tem que entender. Então, procuro ver essa relação na leitura, então penso um pouco ainda antes, de como tá lendo, de como vou ler pra pessoa tá , entendendo, né, melhor. Nível, assim de gravação, eu achei interessante, porque eu acho que eu mudo, né? que nem quando eu faço normalmente, que nem com o J., tá eu senti que eu mudei, então né? eu tava naquela coisa de tentar ser um coisa artificial, então, não consegui. Daí, quando a M. interagiu comigo, sendo o J. – “E aí, J., como foi o final de semana?”, que eu faço um tom mais agudo, o meu jeito de ser é assim, né? Então, eu percebo que eu tenho essa variação, essa mudança, quando eu falo com um cachorro, com uma criança, com todo mundo ...

(risadas)

P – Como todo mundo ...

L - “E aí”?... , eu sou assim, né ? E a voz vai mudando também conforme a situação.

(pesquisador – “ L. como fica a sua voz quando você fala com uma criança ou um cachorro? Faz um pouquinho pra gente...)

L – “Oi, Bingo... Com a L. não, porque a gente tem que dar limites, mas com o Bingo ....

M – “Vem aqui com a L., vem ...”

(risadas)

... – Au, au!

(risadas)

L – Uma criança ... “Oi, L., tudo bom? Como foi o final de semana?

M – Tudo bom, Lu . Fui com a minha “bó”.

L – Sua “bó”? Sua “bó” te levou onde?

(pesquisador – Hoje, você já gravou e não é essa a sua voz, né L...)

L – Não, né?

L – “Oi Alex, oi Alex! Tudo bom? Ih, que aconteceu? Hoje você não tá legal. No final de semana, não jogou bola? Não? O Alex é assim, mesmo.

(risadas)

(pesquisador – Tá bom, L. então agora faz só, o meu nome é naquelas várias situações...)

L – Hum, hum!

P – Pra amigos ...

L - Oi, gente! O meu nome é L. Amiga, eu tô falando sério.

(risadas)

P – Profissão.

L – Meu nome é L.

L – Fazer com criança? Oi, o meu nome é L. e eu vou atender você esse semestre, aqui na clínica de Fono .

P – Coordenação de grupo de voz.

A - Mais agudo, né?

(risadas)

P – Agora coordenação de grupo de voz.

– Mais agudo, D.?

L – Bom agora a gente vai fazer um pouquinho, ahn da atividade de voz salmodiada, deixa antes eu me apresentar. Meu nome é L.

P – Tá bom.

L – Obrigada você. Depois eu quero ver sua análise.

M – Não é pra falar.

L – Ahn?

M – Não vai dar tempo L., pode ir embora.

L – Ah...

(risadas)

(várias) – Tchau!

M – Pode esperar um pouquinho?

L – Porque você vai falar também?

M – É que a R. pediu pra anotar, né o que eu tinha percebido com o J., a hora que você tava falando com ele. Assim, a hora que você estava fazendo pergunta direta, né? “E, então, J.?” Um tom mais grave, articulado, assim, né? A hora que era pergunta direta e aí, a hora que você ia dar um reforço positivo pra ele, “Ah , jura, parabéns! Legal !” Como é natural !

(risadas)

M – Aí, você se sentia você, parece.

P – Tava em casa.

M – É isso.

L – Ah, mas é legal.

M – Fala mais lentificada, né? A hora que você tava falando assim, perguntando, tal. Aí, a hora que você se envolvia, tal ...

P – Mais profissional.

M – É, daí ...

L – Mas, achei legal ter essas duas variações, assim, ser natural quando tiver falando com alguém, não ficar aquela coisa, parece que você cria uma barreira também, né? Fica aquela, mas, também, daí, descontraí, já ...

P – Agora, você grava nos *States*, pra você ver como é que você é.

L – Ah, que chiquérrimo!

(risadas)

P – Depois, traz pra gente .

L – Pode deixar.

P – Uau, a tensão de viajar ...

L – Ah, imagina.

P - ... entendeu, no aeroporto descendo, tendo que se comunicar em inglês ...

L - Acho que a voz já está assim , mudada , por causa disso. Já está assim, a semana toda...

P – Tensa.

(pesquisador – Vocês acham que essa voz é a voz da L.? )

L – Qual? Essa que eu estou falando agora? Minha voz?

M – É. Acho que é.

A – Acho que é.

M - Que é a hora que ela se empolga, tá assim, que parece que a voz dela aparece.

P – A mulher das várias vozes.

L - O!

M - Ela sabe que tem que usar um tom mais forte e tal, que nem num grupo de voz, ela acha que tem que usar um tom mais forte. Então, é super diferente, a voz dela, ela sai de lá, ela já sai falando normal.

L - A V. do grupo de voz, uma das atriz, falou: “*Nossa, mas sua voz mudou também?*”  
(risadas geral)

M - A minha mudou, mas a sua ?

L - Aí, V. então, você tá 'bem, já está até analisando, daí a gente brincou de como fazer força ...

P - Paciente boa, hem !

L - É. Gente...

P - L., boa viagem!

L - Obrigada.

P – Sentiremos saudades.

L – Obrigada, a gente se vê.

P - Mande um cartão pra clínica. A gente vê nas férias, depois das férias.

L – Obrigada. Tudo de bom para vocês. Boas férias, também.

(despedidas/pausa/comentários gerais)

P – Vamos lá?

M – Onde a gente parou mesmo?

P – Eu nem sei, acho que

P – Eu? Como eu me senti? Bom, eu sinto muito isso. Eu acho que quando eu to num ambiente desconhecido, eu vou muito ..., assim, eu falo mais pausado, é mais grave a voz. Eu acho a minha voz horrorosa, eu já falei antes de entrar aqui. Acho ela super aguda e tal,

mas eu procuro dar um tom mais grave, que é bem esse lance mesmo, eu acho que a gente tem uma necessidade de se, se afirmar perante o grupo que tá nos vendo, né ? Então, na hora que me apresentei muito, ahn, pros pais da clínica quando a gente faz a triagem ou quando começa um grupo novo de alunos, é , então é me..., mais complicado. E com criança, eu acho que é bem isso que vocês falaram criança, cachorro ... Eu sou de fazer essas coisas mesmo, de infantilizar e fazer uma coisa bem - “Ah, totó, vem comigo”. Bom, a R., vê, né. Ela vê eu com cachorro, como é que eu ...

(risadas geral)...

P - ... que eu me dou bem. Certinho? Então, acabamos a tarefa, muito bem realizada por sinal.